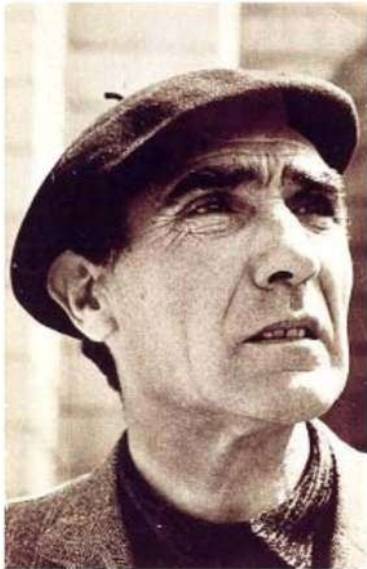




FOLHA INFORMATIVA N.º 28-2011



1911-2011

Alves Redol

Evocação do centenário do seu nascimento

4 de Novembro de 2011, Santarém

A noite tinha caído e a cidade agitava-se na pressa de chegar a casa. A rua molhada pela chuva intensificava o ruído do trânsito. De vez em quando, pingos grossos e repentinos obrigavam os mais incautos, aqueles que duvidavam que as noites frias e chuvosas chegassem, a uma corrida até um beiral ou um toldo. Mas essas noites chegaram. Subitamente, após um estio demasiado prolongado. Perdido o cheiro seco das espigas de milho colhidas, a lezíria transpira humidade; esse cheiro inconfundível das primeiras chuvas na terra sequiosa.

Santarém ergue-se acima do rio mas o rio sobe até à cidade. Entra num antigo edifício, outrora local de cultura física em ginásio seminarista, hoje abrigo das palavras, transmutado em Sala de Leitura Bernardo Santareno, numa homenagem ao grande dramaturgo aqui nascido.

Lá fora, o frenesi de carros e peões continua. Cá dentro, a serenidade de mundos e olhares fixados em capas duras, amareladas pelo tempo ou com imagens coloridas e grafismo moderno oferece-se a quem entra.

É o início de uma noite especial. Acolhe duas actividades promovidas no âmbito da evocação do centenário do nascimento de um nome imortal no quadro da literatura neo-realista: Alves

Redol, a quem é dedicada a exposição “Horizonte Revelado” e uma sessão com intervenções diversas subordinada ao tema “Centenário de Alves Redol”.

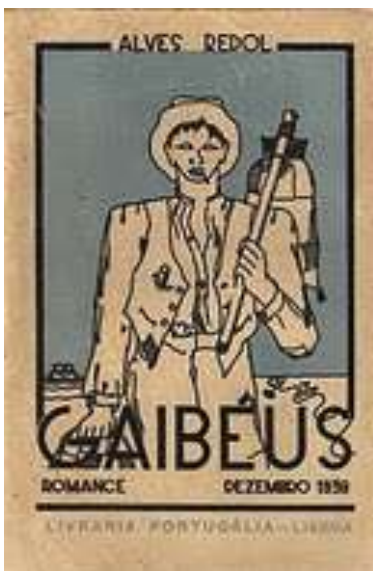
Aqui se reúnem leitores e admiradores da obra redoliana, especialistas e historiadores entre outras entidades em representação oficial de instituições e associações. Destaca-se a presença do filho do escritor, o Engenheiro António Redol, o Presidente do Instituto Politécnico de Santarém (IPS), Professor Doutor Jorge Justino, a vice-presidente do IPS, Prof.ª Doutora Teresa Serrano, a presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Dra. Maria da Luz Rosinha, o Curador do Museu do Neo-realismo, Dr. David Santos, o representante da Câmara Municipal de Santarém, Vereador Vítor Gaspar, o Professor Doutor Vítor Viçoso, especialista da obra de Redol e o historiador Hermínio Nunes. Dão-se entretanto as boas vindas e é proferido um discurso emocionado pelo simbolismo do momento; momento simples, mas solene.



Inaugura-se “Horizonte Revelado”, a exposição com materiais únicos provenientes do Museu de Neorrealismo de Vila Franca de Xira, apresentada pelo seu curador. Esta exposição revela alguma intimidade do escritor: páginas manuscritas de obras, numa caligrafia de traço firme, fotografias da sua meninice e juventude, cartas enviadas, exemplares das primeiras edições de Avieiros, Gaibéus, Fanga, A Barca dos Sete Lemes, dentre outros. Transparece na voz do Dr. David Santos notas de orgulho quer pela homenagem prestada pelo município que viu nascer Redol, quer por albergar o Museu do Neo-realismo, no qual estarão patentes ao público três exposições dedicadas ao escritor e que desvendam um pouco mais da sua vida e obra: “Horizonte revelado” – exposição bibliográfica e documental, até 12 de março de 2012; “Alves Redol e a Fotografia” – originais de Alves Redol que sustentam na experiência fotográfica a

ligação do escritor, profundamente humanista, com a imagem – até 30 de setembro de 2012 e “Alves Redol em Banda Desenhada”, igualmente até 11 de março de 2012 – projetos em Banda Desenhada vencedores do concurso nacional, lançado em 1989, pela Cooperativa Alves Redol e pelo Clube Português de Banda Desenhada, com o apoio do Instituto da Juventude e da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

No Museu do Neo-realismo, da fotografia à obra literária infanto-juvenil, Redol é evocado e revelado, desde o etnografismo inicial até à maturidade literária das suas últimas publicações.



O ambiente é íntimo e carregado de emoção. Quase tanta quanto aquela que Redol imprimia nos “retratos” traçados das comunidades sobre as quais escreveu. É inevitável que a sua prosa poética, quase lírica, como nos diria mais tarde o Professor Doutor Vítor Viçoso, nos assalte a memória e ecoe em fragmentos que vamos recordando à medida que o olhar vagueia pelos títulos...

“O ar escaldava; lambia-lhes de febre os rostos corridos pelo suor e vincados por esgares que o esforço da ceifa provocava. O Sol desaparecera há muito, envolvido pela massa cinzenta

das nuvens cerradas. Os ceifeiros não o sentiam penetrar-lhes a carne abalada pela fadiga. Lento, mas persistente, parecia ter-se dissolvido no ar que respiravam, pastoso e espesso”.

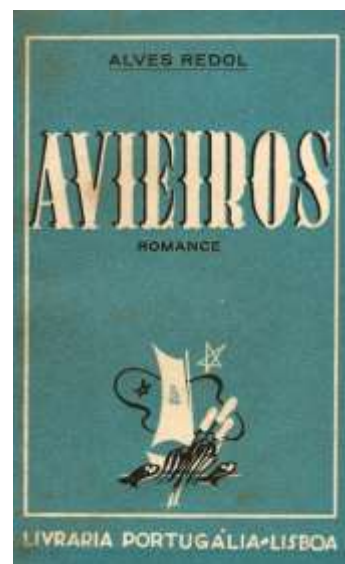
Alves Redol, Gaibéus, 1940

“A vida é um pássaro

Um pássaro de muitas penas que se mudam ou que ficam para sempre. A vida é um pássaro que voa muito alto ou raso de mais, dizia Mestre Feliciano da Barca. A gente traz o pássaro dentro de si, mas deixa-o fugir muitas vezes. Muitos deixam-no fugir à nascença. Esses ficam como pedras. Piores do que as pedras. São poucos os que voam com o pássaro”.

Alves Redol, Avieiros, 1942

O historiador Hermínio Nunes, outro nome que se contou entre os presentes, destacou-se pela forma apaixonada como partilhou as suas impressões sobre a obra Redoliana e o seu conhecimento direto de grandes nomes do panorama literário nacional.



Nessa noite houve também lugar, no mesmo local, ao lançamento da 12ª edição do livro *Avieiros* de Alves Redol, pela Editorial Caminho/ Editora Leya e à reedição do *Cancioneiro do Ribatejo* a cargo da editora “O Mirante”, ambas suprimindo sérias lacunas na oferta livreira que tornavam impossível a aquisição das obras referidas. A Editora “O Mirante” estará representada pelo seu director, Sr. Joaquim Emídio, que em boa hora tomou a iniciativa de reeditar o *Cancioneiro*.

Viver o Tejo e as “águas” nas comunidades a eles ligados através das palavras mágicas e realistas de Redol é um exercício reconstrutivo de uma época de luta pelo sentido emancipatório da cultura e pela utopia da esperança de libertação de uma sociedade escravizada no contexto social e político vivido no século XX, até perto do seu quarto final.

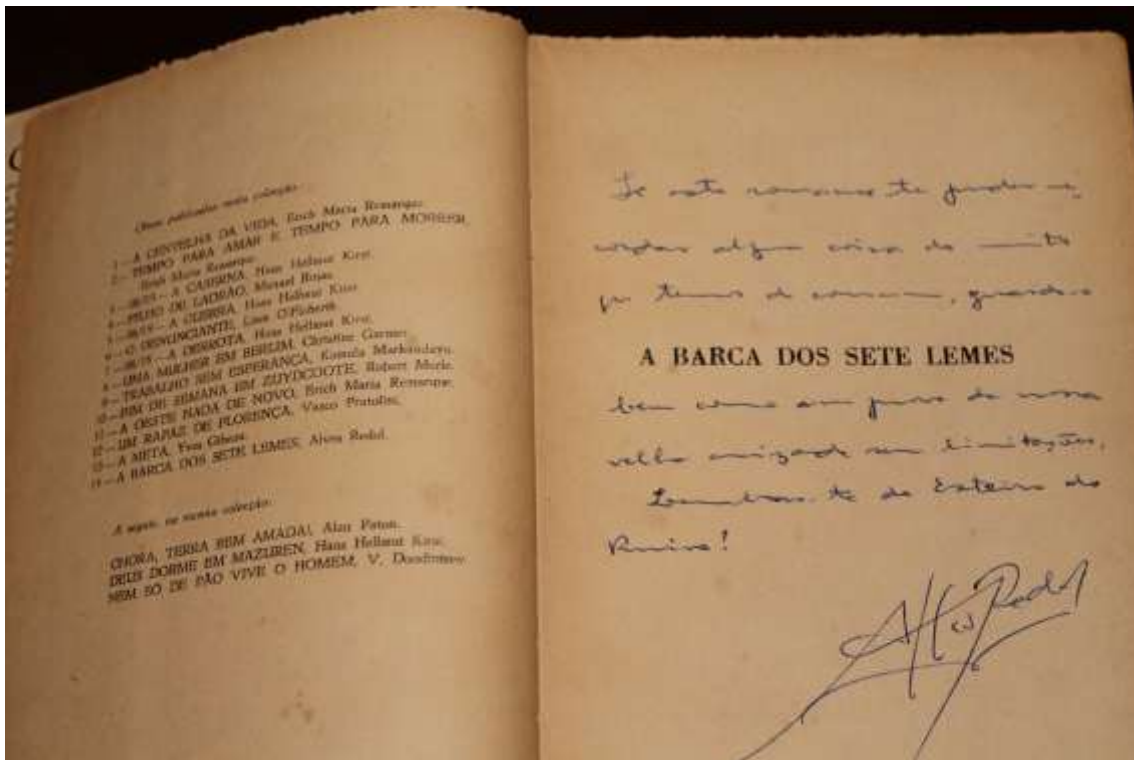
Não só no panorama literário Redol foi personalidade marcante, como também no sentido crítico do regime fascista e do seu contexto cultural. A sua literatura como crítica e denúncia social alertava para as assimetrias vividas e para situações de desigualdade criadas pelo próprio regime e pelos seus valores veiculados.

Em 1934 publica o seu primeiro conto ‘Kangondo’, n’*O Diabo*, e, em 1938, o seu primeiro livro, ‘Glória – Uma Aldeia no Ribatejo’. Publica ‘Gaibéus’, em 1939. ‘Nasci com Passaporte de Turista’ (1940), ‘Marés’ (1941), ‘Avieiros’ (1942), ‘Fanga’ (1943) até aos romances da sua fase de maturidade, a partir de ‘Olhos de Água’ (1954) e ‘A Barca dos Sete Lemes’ (1958) até ‘Barranco de Cegos’ (1961), sem esquecer o Teatro e a Literatura Juvenil e Infantil, como testemunhos da sua intensa atividade cultural. Com o romance ‘Horizonte Cerrado’, escrito em 1949, o primeiro do Ciclo do Port-Wine, é-lhe atribuído o Prémio Ricardo Malheiros, em 1950.

A sua vasta produção literária integra ainda peças teatrais, literatura infantil, contos, traduções e estudos diversos. Alguns dos seus romances estão traduzidos em várias línguas.

Alves Redol morreu em 1969 e o seu romance ‘Reineiros’ é postumamente publicado (1972).

Em 19, 20 e 21 de Janeiro de 2012 realizar-se-á o Congresso Internacional Alves Redol promovido pelo Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Museu do Neo-realismo, de Vila Franca de Xira, em colaboração com a Associação Promotora do Museu do Neo-realismo. Fica, desde já, o convite...



O livro preferido do filho, Eng. António Redol



Eng.º António Redol



Parte do espólio de Jorge Reis, na posse do seu fiel depositário, o historiador Hermínio Nunes



Momento da abertura da exposição



Assistentes à exposição



Eng.º António Redol (filho do escritor), Dr. David Santos (curador do Museu do Neorrealismo, de Vila Franca de Xira), e Prof. Doutor Jorge Justino, presidente do IPS.





Historiador Hermínio Nunes e Prof. Doutor Vítor Viçoso













Autoria dos colaboradores no projeto da Cultura Avieira a Património Nacional:

Ana Paula Pinto
Carlos Vitorino